

Melancolico será o fim da nova comissão de inquerito

RIO, 3 ("Estado" — Pel. Telefo-
ne) — Apesar da Câmara se achar
em recesso e ausentes desta Capital
a maioria dos deputados que a
integram, problemas políticos da
mais palpitante atualidade, aflora-
dos ou equacionados na semana
anterior, continuam ocupando os
grandes títulos dos jornais e cons-
tituindo objeto de pronunciamen-
tos isolados dos poucos parlamen-
tares que se deixaram ficar por
aqui.

Entre estes problemas, por exem-
plo, figura o que se relaciona com
as atividades da comissão de in-
querito que vai apurar como e on-
de se vêm praticando atentados
contra a lei eleitoral e os costu-
mes políticos, e denunciar os au-
tores desses crimes.

Opinando esta tarde sobre as
perspectivas dos trabalhos dessa
comissão, o deputado Raul Pilla as-
sim se manifestou:

"Não sou otimista quanto ao in-
querito parlamentar relativo á cor-
rupção eleitoral, se bem tenha si-
do um dos primeiros signatarios
do requerimento. E quem poderá
ser razoavelmente otimista a res-
peito de qualquer questão de or-
dem publica neste País e nesta si-
tuação? A primeira razão da mi-
nha descrença está na propria ma-
neira como constitucionalmente se
formam as comissões de inqueri-
to. A sua maioria é necessaria-
mente constituída pelos que me-
nos se interessam em investigar e
que são os que apoiam o gover-
no. Temos já numerosos exemplos
de investigações parlamentares pa-
ralisadas pela maioria da comis-
são. E de que vai acontecer, mais
ou menos, a mesma coisa com a
comissão de inquerito eleitoral, te-
mos o veemente indicio na relu-
tancia da maioria em dar á opo-
sição o presidente ou o relator.
Significa isto que a Comissão apu-
rará somente o que convier ao go-
verno.

Concedendo porém que a comis-
são que se está organizando cum-
pra realmente a sua tarefa e es-
clareça a corrupção de origem ofi-
cial, ainda assim restaria uma
grande area a descoberto: a cor-
rupção exercida por pessoas e or-
ganizações particulares. Á primei-
ra vista pareceria que o sigilo do
voto excluiria o comercio. Quem
compra o que não pode verificar?
Entretanto — não felizmente no
meu Estado — há cabos eleitorais
donos de contingentes de votantes,
que os negociam e põem até cer-
ta honestidade no negocio. Faz-se
este, geralmente, na base de tan-
to por sufragio em determinada
circunscrição. Como se explica is-
so? Pela inexistencia de verdadei-
ros partidos políticos, havendo ape-
nas meras organizações eleitorais.
Não há consciencia civica em gran-
des formações do eleitorado. Por
isto, deixam-se facilmente tanger
pelos cabos eleitorais, que fazem
o negocio. Não há exagero em afir-
mar que os partidos nacionais são,
em geral, uma ficção. Quase tudo
se reduz á utilização, meramente
eleitoral, de uma legenda. Esta si-
tuação decorre, por sua vez, do
sistema politico que se adotou ge-
ralmente na America. Pelo seu
proprio funcionamento o presiden-
cialismo não permite a formação
de verdadeiros partidos, isto é,
propriamente representativos e não
meramente eletivos. Nos proprios
Estados Unidos é o mesmo feno-
meno, naturalmente atenuado pe-
las notaveis virtudes daquele po-
vo. Que poderá contra isto uma
comissão de inquerito, senão con-
firmar o mal que todos conhecem?
Haverá, certamente, quem o con-
sidere um exagero, mas a verda-
de é que todos os nossos males
decorrem direta ou indiretamente
do nosso desastroso regime politi-
co. O vicio é organico e já tão
profundo que se pode duvidar de
que a reforma chegue a tempo".